



AS RELAÇÕES ENTRE FEIÇÕES GEOMORFOLÓGICAS, OCUPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE RIO DE CONTAS – BA

Isaque Abreu Oliveira ¹
Camila Celestino Figueiredo ²
Fabiana de Amorim Brasil ³
Guilherme Lima Guimarães ⁴
Iago Gabriel Araújo Santos ⁵

RESUMO

O município de Rio de Contas, na Chapada Diamantina (Bahia), apresenta um relevo diversificado que influencia diretamente a ocupação do território e o desenvolvimento das atividades econômicas locais. Este estudo defende a necessidade de abandonar abordagens generalistas em geomorfologia, priorizando análises em escalas menores, mais específicas, que considerem as características locais. As diferenças altimétricas do município condicionam usos distintos do solo e refletem diretamente na organização socioeconômica da região. Áreas com altitudes superiores a 1000 metros, como o povoado de Mato Grosso, oferecem condições favoráveis à cafeicultura, floricultura e fruticultura irrigada de alto valor agregado. Por outro lado, as regiões situadas em altitudes inferiores, próximas a 400 metros, como nos distritos de Arapiranga e Marcolino Moura (bacia do Rio Furnas), são voltadas principalmente à agricultura de subsistência, ao cultivo de cana-de-açúcar, fruticultura irrigada em maior escala e pecuária de pequeno porte. Essas variações no relevo não apenas definem as possibilidades econômicas, mas também impõem desafios sociais e ambientais, exigindo estratégias de uso sustentável dos recursos naturais. O planejamento territorial deve considerar as peculiaridades geomorfológicas de cada unidade para evitar ocupações inadequadas que comprometam o equilíbrio ecológico e o bem-estar das comunidades. Portanto, compreender as interações entre relevo, ocupação humana e atividade econômica é essencial para promover uma gestão territorial eficiente e sustentável, que respeite as capacidades de suporte do ambiente e assegure o desenvolvimento equilibrado da região.

Palavras-chave: Geomorfologia, Planejamento Territorial, Relevo, Sustentabilidade, Atividades Econômicas.

ABSTRACT

The municipality of Rio de Contas, located in the Chapada Diamantina region (Bahia), presents a diverse relief that directly influences land occupation and the development of local economic activities. This study advocates the need to move away from generalist approaches in geomorphology, prioritizing

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB, isaqueao@gmail.com;

² Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB; cahcelestino18@hotmail.com;

³ Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB, biaamorimbrasil@gmail.com;

⁴ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB, guilhermelg1995@hotmail.com;

⁵ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB, iagogabrielgeo@gmail.com;



smaller-scale, more specific analyses that consider local characteristics. The altitudinal differences within the municipality determine distinct land uses and directly reflect the region's socioeconomic organization. Areas with altitudes above 1000 meters, such as the village of Mato Grosso, offer favorable conditions for high-value agricultural practices like coffee cultivation, floriculture, and irrigated fruit farming. In contrast, regions at lower altitudes, around 400 meters—such as the districts of Arapiranga and Marcolino Moura (Furnas River basin)—are primarily used for subsistence farming, sugarcane cultivation, large-scale irrigated fruit production, and small-scale livestock. These variations in relief not only define economic potentials but also pose social and environmental challenges, requiring strategies for the sustainable use of natural resources. Territorial planning must consider the geomorphological particularities of each unit to avoid inadequate land use that could compromise ecological balance and community well-being. Therefore, understanding the interactions between landforms, human occupation, and economic activity is essential to promote efficient and sustainable territorial management that respects environmental carrying capacity and ensures the balanced development of the region.

Keywords: Geomorphology, Territorial Planning, Relief, Sustainability, Economic Activities.

INTRODUÇÃO

O relevo, com suas diversas formas e altitudes, desempenha um papel crucial na formação e desenvolvimento das sociedades humanas. As características geográficas de uma região influenciam diretamente a distribuição da população, as atividades econômicas predominantes e até mesmo os aspectos culturais das comunidades. Por exemplo, áreas montanhosas podem favorecer o turismo e a agricultura de subsistência, enquanto planícies férteis são ideais para a agricultura em larga escala e o desenvolvimento urbano com condições mais favoráveis ao adensamento populacional etc. Segundo Ayoade (1996), a altura é importante fator que influencia a temperatura nos trópicos. Além disso, o relevo afeta o clima local, a disponibilidade de recursos naturais e a acessibilidade, moldando assim as condições de vida e as oportunidades de desenvolvimento. Compreender a relação entre relevo e sociedade é essencial para o planejamento territorial e a promoção de um desenvolvimento sustentável e equilibrado.

Para Ross (1995), “a setorização é tarefa preliminar quando se pretende fazer um estudo em geografia física em macroescala”. Ele ainda cita como exemplo, as zonas climáticas, estas por sua vez, explicam os grandes biomas e os mecanismos principais que regem os processos hidrológicos e geomorfológicos. Porém, quando analisadas as paisagens em suas particularidades, é possível a identificação de elementos, que mesmo numa escala muito menor se comparados aos grandes sistemas, realizam um papel crucial que influenciam a/na distribuição de espécies, a circulação de água e nutrientes, e até mesmo o microclima da região. Ao estudar essas paisagens em menor escala, os geógrafos podem melhor compreender os



processos naturais e as interações entre diferentes componentes do ecossistema, enriquecendo a leitura das paisagens maiores e suas dinâmicas.

O texto busca explorar como a altimetria, ou a variação de altitude, influencia a localização, desenvolvimento e características dos agrupamentos urbanos/povoados no território pertencente ao município de Rio de Contas, Bahia. Para isso, usa-se uma análise multidisciplinar, abordando aspectos geográficos, climáticos, econômicos e sociais, destacando como a altitude molda a vida das comunidades. Considera-se importante ainda mencionar a atenção que deve ser dada em escala de análise menores, destacando que a ocorrência de erros comuns ao generalizar unidades geomorfológicas, climáticas etc. numa escala de análise maior.

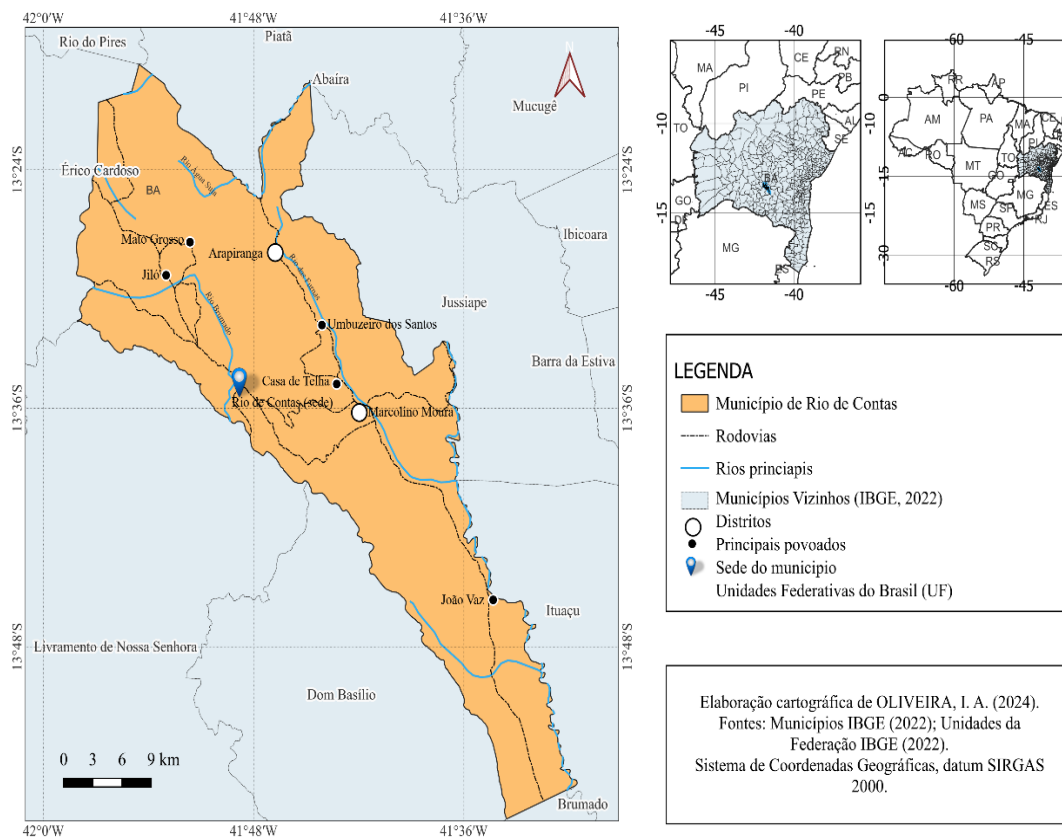
Desse modo, o texto aqui apresentado é dividido em uma breve caracterização das unidades geomorfológicas principais do município de Rio de Contas, identificação e localização dos três distritos com seus respectivos povoados principais e produção econômica. Tenta-se demonstrar a importância dos principais cursos d'água do município para o desenvolvimento e estabelecimento desses povoados. Na análise dos resultados, busca-se de fato, demonstrar essas influências, e como as questões de ordem natural são importantes condicionantes para o estabelecimento e convivência dos aspectos sociais. Conforme Mendonça (2001, p. 10), “o estudo da natureza dentro da geografia assume importância fundamental na medida em que ressalta o jogo de influências que a sociedade e a natureza desenvolvem na estruturação dos espaços”.

METODOLOGIA

O município de Rio de Contas, localizado na Chapada Diamantina, Bahia (figura 02), destaca-se por seu relevo montanhoso com altitudes bastante elevadas. Esse relevo bastante acidentado funciona como limite natural entre vários municípios vizinhos: a norte, com Rio do Pires e Abaíra; a leste, com Jussiape e Ituaçu; ao sul, com Brumado e Dom Basílio e oeste, com os municípios de Livramento de Nossa Senhora e Érico Cardoso (conforme a figura 01).

Figura 02: Mapa de localização do município de Rio de Contas – BA.

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE RIO DE CONTAS - BA, DISTRITOS E PRINCIPAIS POVOADOS



A sede do município está situada a pouco mais de 1.000 metros acima do nível do mar, o que contribui para seu clima tropical de altitude, caracterizado por verões úmidos e frescos e invernos relativamente frios e secos. A região abriga alguns dos pontos mais elevados do Nordeste brasileiro, incluindo picos que ultrapassam os 2.000 metros de altitude. Esse relevo acidentado não só molda a paisagem natural, com suas cachoeiras e formações rochosas impressionantes, mas também influencia na distribuição dos povoados e as atividades econômicas locais, como o turismo ecológico e a agricultura de montanha, e nos vales mais espalhados, onde nota-se o desenvolvimento de agricultura numa maior escala, bem como o estabelecimento dos principais distritos do município. Condições essas que possibilitam um maior adensamento populacional. Esses mesmos vales, embora localizados no município, apresentam variações de temperaturas fortemente influenciadas pelas menores altitudes, como apresentado a seguir. Para Ayoade (1996), “as grandes diferenças de temperatura entre distâncias curtas nos trópicos são usualmente devidas aos efeitos da variação de altitude”, efeito esse facilmente notado na região.

Este estudo descritivo interpretativo foi conduzido com o objetivo de analisar as relações possíveis entre a configuração espacial das principais unidades geomorfológicas



citadas nas literaturas especializadas, bem como correlacionar com os principais conceitos dessas mesmas, tomando-as como referência para os modos de ocupação numa perspectiva social, cultural e ambiental. Desenvolvido em três etapas principais: levantamento de dados oficiais em órgãos relativos à geomorfologia da área de estudo, identificando as principais unidades geomorfológicas; dados populacionais e produção econômica; elaboração de imagens e mapas no Spring e QGIS, tendo como objetivo ilustrar e localizar melhor as feições e comunidades analisadas; a coleta de dados primários e a análise interpretativa – a coleta de dados envolveu levantamentos de campo na área do município de Rio de Contas. Quanto ao tratamento dos dados coletados, esses foram organizados e analisados utilizando metodologia descritiva, com o intuito de identificar padrões e variações nos parâmetros estudados, tendo por base observações de campo registradas por meio de fotografias e anotações trazidas à luz da literatura existente.

Procedimentos metodológicos

O mapa de localização do município e distritos foi elaborado no software QGIS 3.34, tendo como base de dados o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), objetivando a identificação dos principais agrupamentos demográficos no município.

A elaboração dos mapas para a análise das relações topografia e ocupação espacial foram realizadas a partir de procedimentos técnicos e metodológicos integrados, com base em imagens de radar e dados secundários. Inicialmente, foi utilizada uma imagem de radar SRTM com resolução espacial de 90 metros, adquirida no site da Embrapa. Essa imagem foi processada no software SPRING 5.5.6, para o fatiamento, a definição das classes hipsométricas do município para a obtenção do produto a seguir apresentado.

O mapa de hipsometria foi elaborado considerando intervalos de 200 metros entre as classes altimétricas, permitindo a identificação e a análise da variação altitudinal do município, um aspecto relevante para o entendimento da análise aqui proposta, facilitando a visualização das diferentes unidades geomorfológicas identificadas e suas respectivas características.

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

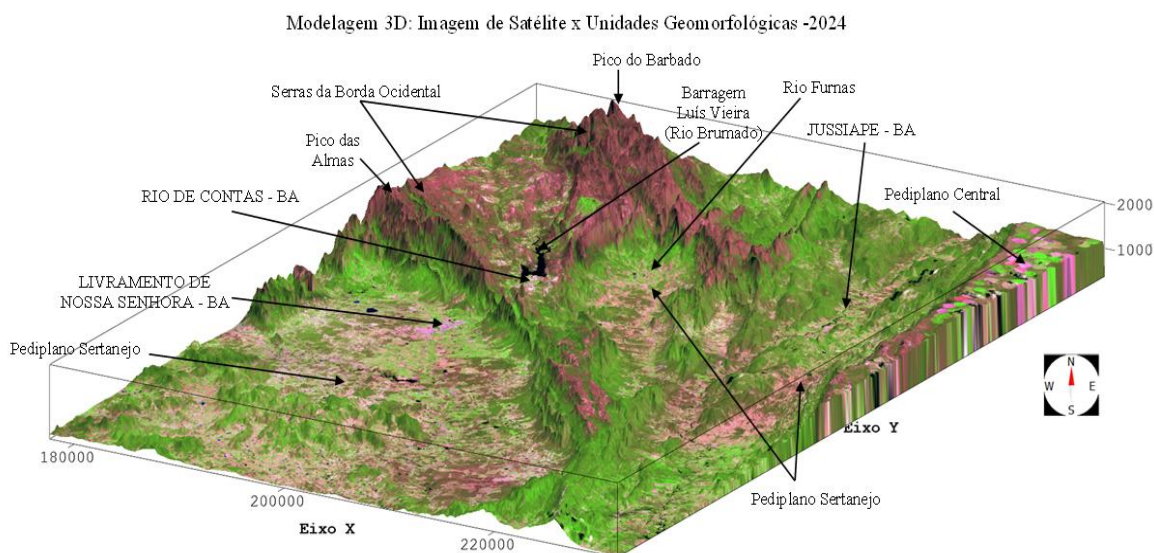
REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização da altimetria como uma ferramenta essencial nos estudos de geografia, nos permite a análise detalhada das variações de altitude em uma determinada região. Ao medir a elevação do terreno, os geógrafos podem identificar padrões topográficos, como montanhas, vales e planícies, e compreender melhor os processos geológicos que moldaram/moldam a paisagem. Ademais, a altimetria é crucial para a elaboração de mapas topográficos, que são utilizados em diversas áreas, desde a agricultura até a engenharia civil, ajudando a planejar construções e a gestão de recursos naturais, visualização de potenciais áreas de risco à ocupação etc. A compreensão acerca da altimetria também é fundamental para estudos climáticos, já que a altitude influencia diretamente o clima de uma região, afetando a temperatura, a precipitação e a vegetação local.

Quando considerados todos os elementos paisagísticos em suas interações, são nitidamente visíveis os resultados dessas. Em especial quando analisadas as vertentes, é muito comum essa interferência na biogeografia das paisagens nas composições fitogeográficas. Segundo Ross (1995, p. 101), “[...] as características paisagísticas refletem esses contrastes[...]”. As que estão expostas aos ventos úmidos (vertentes a barlavento) são chuvosas e recobertas de florestas exuberantes, ao passo que as que se encontram em situação inversa (vertentes a sotavento) são mais secas e apresentam cobertura vegetal menos exuberante.

Veja abaixo as principais feições geomorfológicas presentes na região sul da Chapada Diamantina.

Figura 03: Modelagem 3D da região sul da Chapada Diamantina.



Fonte: Imagem Landsat RGB 4-5-6: USGS (2020), BRASIL (1980), Produzido por OLIVEIRA, I. A. (2024)



Pediplano Sertanejo

A formação pediplano sertanejo é uma característica geológica típica do Brasil Central, especialmente presente no sertão nordestino e em algumas áreas do interior do Centro-Oeste. Ela é um tipo de terreno plano ou suavemente ondulado, formado principalmente por processos de erosão e desgaste das rochas ao longo de milhões de anos. O pediplano sertanejo é resultado de um longo processo de modelagem da paisagem, que inclui a atuação de fatores como clima, ação da água, ventos e a própria estrutura geológica da região. No município de Rio de Contas, facilmente visualizado nas áreas rebaixadas, no sopé na Chapada Diamantina, junto à Serras das Almas, território de Livramento de Nossa Senhora, na bacia do rio Brumado, embora localizado em altitudes mais elevadas, a sua visualização é bastante perceptível quando considerados os delimitadores desta, entre os picos das Almas e do Barbado. Também fazem parte a bacia do Rio Furnas, que tem seu exutório no rio de Contas, fazendo limites com os territórios dos municípios de Jussiapé e Ituaçu.

As feições deste tipo relevo são originadas a partir de um processo geológico denominado pediplanização, que é o desgaste gradual de uma área montanhosa até sua transformação em uma superfície plana ou suavemente ondulada. Com o tempo, as camadas mais altas da crosta terrestre sofrem erosão intensa devido a fatores como chuvas, ventos e a variação térmica diária, o que resulta no achatamento do terreno. Para Passos e Bigarella (2006), os pediplanos constituem superfícies de baixo relevo interrompidas, ocasionalmente, por elevações residuais, os inselbergs.

No contexto do sertão nordestino, a pediplanização tem uma relação estreita com as características do clima semiárido. A escassez de chuvas, aliada à alta temperatura e à grande amplitude térmica, contribui para um tipo de erosão mais rápida e intensa sobre as rochas. Além disso, as rochas predominantes na formação do referido pediplano, como os granitos e gnaisses, são relativamente mais resistentes à erosão, mas quando o processo ocorre por um longo período, ainda assim resultam em uma superfície aplainada.

Segundo, Vale e Rios (2016), o desenvolvimento das dissecções que resultam nas formas presentes nos pediplanos sertanejos do semiárido brasileiro é acentuadamente marcada por uma sucessão de climas ora úmidos, ora secos, os relevos evoluíram também por meio de dinâmicas contrastantes — de dissecção fluvial e pedogênese, ou dinâmicas de pedimentação.

Sobre os pedimentos, é importante mencionar que, conforme Bigarella *et al* (2016):

O significado da palavra pedimento tem sido objeto de algumas controvérsias. Ao lado do seu caráter puramente descritivo, ele tem sido utilizado com implicações genéticas. Apesar de nem todos os processos ligados ao seu desenvolvimento serem conhecidos, o pedimento pode ser considerado,



inicialmente, como sendo uma feição morfológica desenvolvida durante períodos em que as condições climáticas favoreceram a operação de processos hidrodinâmicos e condições de meteorização específicas. (Bigarella *et al*, p. 169, 2016).

Sendo a Chapada Diamantina testemunho de processos ocorridos ao longo do tempo geológico bastante variados, tanto a existência de pediplano e pedimentos em toda a sua extensão devem ser considerados em toda e qualquer abordagem que tentam entendê-las a partir de uma análise geomorfológica, considerando logicamente todos os elementos atuantes em sistemas abertos *inputs* e *outputs*.

Dessa forma, são características do pediplano sertanejo, a presença de planícies, principalmente ou ligeiramente ondulada, com alguns escarpamentos isolados. Esse relevo pode ser observado em áreas como o Polígono das Secas, no Nordeste, mas são também citadas na literatura geomorfológica em outros estados como Minas Gerais e Goiás. Segundo Bigarella *et al* (2016):

Os processos de formação dos pedimentos são chamados genericamente como pedimentação. Ainda não são bem conhecidos e compreendidos, já que os pedimentos são geralmente formas fósseis, não se desenvolvendo nos nossos dias. Normalmente encontram-se dissecados. As condições climáticas pretéritas sob as quais foram elaborados também não são bem conhecidas; parecem ter sido extremamente severas ao mesmo tempo em que os processos degradacionais eram bastante ativos. Remanescentes de pedimentos encontrados em áreas úmidas e distintas dos desertos atuais mostram que o ambiente semiárido responsável pela pedimentação teve extensão muito maior durante certos períodos no passado (Bigarella, p. 170, 2016).

Além disso, é comum encontrar veredas (planícies alagadas) e brejos dentro dessas formações, que são áreas de acúmulo de água devido à impermeabilidade do solo e à falta de drenagem eficiente. O terreno em muitas dessas áreas é coberto por uma vegetação de caatinga, que é adaptada às condições secas e às grandes variações climáticas. A dificuldade de infiltração de água nas camadas superficiais do solo, por exemplo, pode dificultar a captação de água para o uso agrícola e consumo humano. Além disso, a vegetação local precisa ser resistente à seca e adaptada às condições extremas de temperatura e disponibilidade de água.

Serras da Borda Ocidental

Inseridas no grande contexto das formações típicas da Chapada Diamantina, as serras da borda ocidental formam uma das paisagens mais emblemáticas e impressionantes do interior da Bahia. Este conjunto montanhoso faz parte do complexo geológico que caracteriza a própria Chapada Diamantina, uma região de altitudes elevadas e relevo acidentado, famosa por sua biodiversidade, geodiversidade e importância histórica. A borda ocidental da Chapada, marcada



por escarpamentos e serras imponentes, é um dos aspectos mais marcantes do relevo da região, oferecendo uma visão única da interação entre o relevo e os processos naturais.

Para Strahler 1985 *apud* Gregory (1985):

A Geomorfologia realizará seu mais pleno desenvolvimento somente quando as formas e os processos forem relacionados em termos de sistemas dinâmicos, e as transformações de massa e energia forem consideradas como funções do tempo (Strahler, 1952 *apud* Gregory, 1985, p. 222).

Tornando desse modo, importante ressaltar a complexidade dos processos envolvidos nas evoluções das referidas paisagens aqui citadas. Para Ross (2006), a plataforma do São Francisco, ao adentrar o território da Bahia, “é de difícil delimitação, pois uma parte encontra-se parcialmente encoberta por sedimentação antiga e as extremidades confundem-se com as áreas dos cinturões orogênicos que a margeiam” (Ross, 2006, p, 71)

A borda ocidental da Chapada Diamantina é composta por serras que se estendem ao longo da formação do Planalto da Bahia, caracterizando-se por um relevo montanhoso de grandes escarpamentos. Esses escarpamentos são formados por rochas cristalinas e sedimentares, sendo um exemplo da bacia sedimentar do Rio São Francisco. A região é caracterizada por uma grande diversidade geológica, que inclui rochas como o gnaisse, o granito e o xisto, responsáveis pela robustez e estabilidade das serras.

As serras da borda ocidental são formadas por uma combinação de erosão diferencial e rupturas tectônicas, que resultaram em paredões rochosos e elevados cumes que se projetam para o interior da planície, criando um contraste marcante com as áreas mais baixas da Chapada. Esse processo geológico é resultado de milhões de anos de atividade tectônica e desgaste das rochas pela ação do vento e da água, configurando-se em uma paisagem de escarpamentos verticais que podem alcançar altitudes de até 1.500 metros acima do nível do mar.

O processo de formação das serras da borda ocidental está intimamente relacionado à história geológica da Chapada Diamantina. Durante o período Proterozóico, há cerca de 1,5 bilhão de anos, a região foi moldada por forças tectônicas que levaram à formação do cráton São Francisco. Com o passar do tempo, os processos de erosão e intemperismo desgastaram as camadas mais superficiais, deixando expostas as rochas mais resistentes que formam as serras.

A erosão da Chapada é um fenômeno contínuo e, ao longo de milhares de anos, contribuiu para a formação de grandes vales e cânions, bem como das imponentes cachoeiras e grutas que são características da região. A atuação do clima tropical, com chuvas fortes durante o período chuvoso e a seca nos meses seguintes, também desempenha um papel importante na



modelagem do relevo, acelerando o processo de desgaste das rochas e favorecendo a formação de características geomorfológicas únicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A distribuição da população no município de Rio de Contas, na Bahia, é influenciada por diversos fatores históricos, geográficos e econômicos. Geograficamente, a presença de rios e a topografia favorável contribuíram para a fixação de comunidades em áreas com acesso a recursos hídricos e terras cultiváveis, que configuram a atual distribuição. Economicamente, a agricultura e o turismo desempenham papéis cruciais, com a população se concentrando em áreas onde essas atividades são mais viáveis. Além disso, a infraestrutura e os serviços disponíveis, como educação e saúde, também influenciam a distribuição populacional, com maior densidade em áreas urbanas e menor densidade em regiões rurais. Embora, seja nítida a diminuição dos contrastes entre essas duas espacialidades. Como citado por Santos e Prost (2009):

O rural pode perfeitamente ser entendido na contemporaneidade como um termo polissêmico devido a sua funcionalidade, pois confere à evolução das técnicas a contribuição para a modificação dos modos de vida, dos comportamentos socioculturais, socioeconômicos e socioambientais ao longo dos últimos decênios, (Santos; Prost, 2009, p. 03).

A tabela abaixo apresenta a distribuição da população do município de Rio de Contas, segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022):

Tabela 01: Distribuição da população do município de Rio de Contas por distritos, segundo IBGE, 2022.

	Rio de Contas	Arapiranga	Marcolino Moura
Urbana	4.287	1.000	1.338
Rural	2.189	1.345	3.025
Total Distrital	6.746	2.345	4.363
Pop. Municipal	13.184		

Fonte: IBGE, 2022

5.1 Feições identificadas e produção econômica

Para os exercícios de análise e classificação da paisagem nesse estudo, optou-se pelos levantamentos e contribuições sobre paisagens, incluindo aqui os elementos geomorfológicos e fitogeográficos baseados na classificação feita pelo geógrafo Jurandyr Luciano Sanches Ross,

para quem os elementos naturais: Vegetação, Geologia, Geomorfologia, Pedologia, Clima e Biogeografia, trabalhados em escalas diversas em estudos geográficos devem ser considerados em suas múltiplas interações, oferecendo subsídios necessários para as formulações concretas sobre as paisagens de forma a retratar as realidades analisadas.

Figuras 04 -Sede do município e 05 – Barragem Engenheiro Luís Vieira



(Oliveira, 2024)

Como visto até aqui, o município de Rio de Contas, possui um relevo bastante acidentado, o que resulta na diversidade paisagística (figuras 04 e 05). Com altitudes que partem dos 380 metros, o município também possui terrenos que alcançam os 1958 metros (Pico das Almas, terceiro do Nordeste, perdendo apenas para o pico do Itobira (1970 metros) e Pico do Barbado com seus exuberantes 2033 metros acima do nível do mar, todos eles na região compreendida da Chapada Diamantina, o que reforça os estudos que apontam a forte movimentação ocorrida nessas estruturas para a configuração atual dessa mesma.

Segundo Ross (2006), “grande parte do território do Brasil encontra-se fortemente modificada pelas atividades humanas [...], com destaque para os planaltos e depressões, que se apresentam como planos, a pouco inclinados” (Ross, 2006, p. 64). Sendo a ocupação do território do hoje, município de Rio de Contas motivada pela descoberta do ouro já no início do século XVIII, há de se considerar, a existência de um bom período de alteração das paisagens pelas atividades antrópicas, que ao longo dos séculos evidenciam as necessidades das sociedades que na região estabeleceram.

Nas regiões mais elevadas do município, observa-se a presença dos domínios dos *Campos Cerrados*, apontados por Ross (2006) como relevos montanhosos dos cinturões orogênicos como colinas e superfícies aplanadas das depressões marginais. Os solos por sua vez, são ácidos, bastante lixiviados e bastante deficitários em nutrientes. O clima é tipicamente tropical semiúmido, ocorrência de 80% das chuvas no verão, registrando índices que oscilam entre 1.300 e 1.800 mm/ano. Com temperaturas que variam entre 30° C e 32° C na média das

máximas, e 12° C e 14° C na média das mínimas, observando-se elevado déficit hídrico de maio a setembro, meses em que as chuvas são raras (Adaptado de Ross, 2006).

As áreas anteriormente descritas correspondem à sede do município e os povoados de Jiló e Mato Grosso, sendo esse último um dos povoados mais elevados da Bahia, com 1450 metros (Figuras 06 e 07). Criado com o intuito de servir como ponto de apoio à mineração, hoje utiliza-se dessa característica com seus terrenos elevados e reduzidos devido à forte presença afloramentos rochosos, para o cultivo do café, tangerina, manga, maracujá e flores. Cultivos esses todos em pequenos lotes, dada a limitada extensão dos terrenos.

Figuras 06 – Cultivos em encostas: tangerina, manga e café e 07 – Povoado do Mato Grosso.



(Oliveira, 2024)

Com uma maior extensão territorial no sentido Noroeste para Sudeste, o município de Rio de Contas tem uma população bem distribuída por todo o seu território, limitando-se às áreas com maiores altitudes, típica de muitos terrenos de seu território, como as áreas de nascentes de sua densa rede hidrográfica que se entrelaça configurando as duas bacias hidrográficas: rio Brumado e rio Furnas.

Sendo a bacia do rio Brumado localizada nas porções elevadas do município, a bacia do rio Furnas drena terras mais rebaixadas, ocupadas pelos dois distritos: Arapiranga e Marcolino Moura, que juntos abrigam uma população total de 6.476 habitantes distribuídos em vários subdistritos nos seus arredores, ocupada numa variedade de atividades econômicas, que desde suas instalações estiveram voltadas para a produção agrícola.

Por se tratar de áreas mais rebaixadas do território municipal, nestas, desenvolveram-se uma vegetação típica de climas tropical semiárido, arbustiva, com forte presença de cactáceas, que perdem totalmente as folhas no período seco (Ross, 2006). Os relevos dessa região são formadas por superfícies aplanadas e baixas, com altitudes que oscilam entre 380 e 1380 metros, porém devido à sua localização no pediplano sertanejo, moldado entre o conjunto de serras, tais como, a Serras da Bananeira, Serra do Capão do Bode, Morro do Barro Vermelho, Morro do Carvão, Morro da Bucândia, Morro do Largo, Serra do Pilão, dentre outros, que funcionando como barreiras, onde a sotavento, estão localizados os dois distritos – Arapiranga e Marcolino

Moura, influenciando nas temperaturas e condições bastantes distintas se comparadas à sede e seus subdistritos nas porções de maior altimetria.

Pontilhadas por morros residuais, os solos são rasos e pedregosos, ocupando uma maior extensão da área, podendo ocorrer manchas com solos mais espessos, onde é facilmente visualizado a implantação de culturas em maior escala, tanto nos cultivos da cana de açúcar, típica da região, como mais recentemente na implantação de fruticultura irrigada, principalmente manga e maracujá (Figuras 08 e 09). Essas culturas ora beneficiam-se, das águas do rio Furnas, especialmente aquelas regiões localizadas próximas à nascente; ou com a perfuração de poços tubulares, uma cultura cada vez mais dinamizada na região, para contornar a deficiência hídrica.

Figuras 08 – Residuais, área de nascentes, distrito de Arapiranga e 09 – Área irrigada com poços tubulares.



(Oliveira, 2024)

Figuras 10 – Transição entre a sede e bacia do Rio Furnas e 11 – Pecuária no domínio da *Caatinga*, distrito de Marcolino Moura.



(Oliveira, 2024)

Por se tratar de ambientes onde predomina os domínios da *Caatinga* (figura 10), as temperaturas médias das máximas estão entre 30° C e 36°, e as médias das mínimas entre 20° C e 22° C, fortemente influenciados pelo relevo mais rebaixado nessa porção do município. Nestas áreas também, devido ao longo período de ocupação e uso para agricultura, inicialmente subsistência e pecuária de pequeno porte (Figura 11), recentemente tem sido implantados produtos voltados para economia de mercado, como a fruticultura da manga e maracujá com



sistemas de irrigação, que na crescente demanda por áreas cultiváveis, evidenciam enormes parcelas de terras expostas devido o uso intensivo sem manejo adequado (ver imagens a seguir).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No município de Rio de Contas, as variedades altimétricas influenciaram diretamente desde as primeiras atividades econômicas e sua ocupação territorial. As áreas com altitudes superiores a 1000 metros, especialmente no povoado de Mato Grosso, destacam-se pela produção agrícola, bem como um forte potencial turístico à região. Essas práticas produtivas aproveitam as condições climáticas e de solo da região, evidenciando a adaptação das atividades econômicas às especificidades do relevo montanhoso. Ao mesmo tempo em que, nas áreas de menores altitudes do município, especificamente as margens do rio Furnas, que abriga os distritos de Arapiranga e Marcolino Moura. Nesses locais, predominam práticas de agricultura de subsistência, focadas em culturas como a cana-de-açúcar e fruticultura irrigada, além da pecuária de pequeno porte, sendo assim o município bastante explorado em todas as suas especificidades.

Dessa forma, a interação entre os diferentes ambientes altimétricos e suas respectivas atividades produtivas não só reflete a vocação regional, como também revela a necessidade e importância da gestão sustentável dos recursos naturais, levando-se em conta a distribuição dos cursos d'água e suas múltiplas possibilidades de usos, que se revelaram como uma das principais justificativas de ocupação e expansão das atividades desenvolvidas no território objeto de análise. A diversificação da produção nas áreas de maior ou menor altitude, somada à capacidade de adaptação das comunidades, demonstram a resiliência econômica, bem como a importância do planejamento integrado, especialmente no que implica à retirada da cobertura vegetal original, que altera todos os elementos contantes nas paisagens.

REFERÊNCIAS

AYOADE, J.O. **Introdução à climatologia para os trópicos**. 5a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BIGARELLA, J. J.; MOUSINHO, M. R.; SILVA, J. X. Pediplanos, Pedimentos e seus Depósitos Correlativos no Brasil. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, v. 6, n.2, p. 165-196, 2016.

GREGORY, K. J. **A Natureza da Geografia Física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN) História - Rio de Contas (BA) - Disponível em: portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1408/. Acessado em: dezembro de 2024.



ENANPEGE

XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

MENDONÇA, F. **Geografia Física: Ciência Humana?** 7ª edição, São Paulo, Contexto, 2001.

MOURA, M. S. B.; ESPÍNOLA SOBRINHO, J.; SILVA, T. G. F.; SOUZA, W. M. Aspectos meteorológicos do Semiárido brasileiro. **Embrapa**, São Paulo, 2019. Infoteca Embrapa. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca>. Acessado em dezembro de 2024.

PASSOS, E.; BIGARELLA, J. J. Superfícies de erosão. In: CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. **Geomorfologia do Brasil**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 107-141, 2009.

PINHEIRO, D. R. de C.; CAMPOS, E. M. Riscos Socioeconômicos da Fruticultura Irrigada no Semiárido Baiano: o caso de Livramento de Nossa Senhora, Bahia, Brasil. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 6(2): 17-37, 2008 (ISSN 1678—698X) 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/537>. Acessado em: dezembro de 2024.

QGIS: Construção de Mapas c++. Version 2.6.5. [S.l.]: Creative Commons PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, 2018. Disponível em: . Acesso em: setembro 2024.

ROSS, L. J. S. **Ecogeografia do Brasil**: subsídios para planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

ROSS, L. J. S. Relevô e suas influências. In: ROSS, J. L. S. (org.) **Geografia do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1996. p. 45-67.

SANTOS, J. S.; PROST, C. De território usado à formação do território mediado pelas relações de poder no Recôncavo baiano: um olhar sobre a interação dos agentes no escoamento da produção olerícola do povoado Tanque de Senzala. In: IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2009, Salvador, **Anais**. Salvador: UFBA, 2009. p. 1-16.

VALE, R. M. C.; RIOS, I. Q. Relevô e produção do espaço na depressão sertaneja meridional-Bahia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, número especial 3, p. 203 - 216, 2016. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: www.geosaberes.ufc.br. Acessado em dezembro de 2024.